



EDUCAÇÃO PARA E PELO LAZER POR MEIO DE ATIVIDADES DE AVENTURA¹

Alessandra Vieira Fernandes²

Silvana dos Santos³

Giuliano Gomes de Assis Pimentel⁴

RESUMO

ESSE ESTUDO discute o ensino de atividades de aventura como educação para e pelo lazer na perspectiva das relações de gênero diante do projeto Escola de aventuras. Trata-se de uma pesquisa-ação de caráter longitudinal efetivada por entrevistas e observação participante. Os dados revelaram percepções e representações acerca dos espaços e características que demarcam o “feminino” e “masculino”, as quais foram problematizadas e desconstruídas diante da educação de gênero apropriada pelo projeto.

PALAVRAS-CHAVE:lazer; gênero; tema gerador.

1 INTRODUÇÃO

O projeto Escola de aventuras, desenvolvido pelo Grupo de Estudos do Lazer (GEL/UEM), iniciou em 2010 com ênfase no ensino gratuito da modalidade skate street para crianças e adolescentes em contra turno escolar. Em 2015 o projeto foi transferido para o Colégio de Aplicação Pedagógica, sendo direcionado para alunos do ensino fundamental I que aprenderam skate, escalada, orientação, parkour e slackline como opção de lazer. Já em 2016, a Escola de aventuras passa a ocupar um lugar na grade curricular, como um tema gerador.

A tematização de uma prática corporal como lazer fora da aula da Educação Física, nos remete à Bracht (2003) para quem não caberia apenas a essa disciplina o papel da educação para o lazer. O lazer, para o autor, é tema importante em toda a escola. Encontramos, pois, oportunidade para investigar a educação para e pelo lazer em uma instituição de ensino que se proponha a trabalhar um conjunto de práticas corporais que viram tema gerador para que a fala dos educandos sobre sua realidade vivida seja problematizada (FREIRE, 1996).

Nesse sentido, uma das primeiras problematizações foi a desigualdade simbólica entre meninos e meninas na legitimidade à vivência de atividades de aventura. As práticas corporais configuram-se como um espaço generificado e generificador. Implicam construções culturais que agregam discursos, valores e práticas,

1 O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2 Universidade Estadual de Maringá (UEM) alessandrafernandes.ale@gmail.com

3 Faculdade Metropolitana de Maringá (FAMMA), silsantos2611@outlook.com

4 Universidade Estadual de Maringá (UEM), ggapimentel@gmail.com

demarcando nos corpos representações de feminilidades e masculinidades, que definem, também, posições sociais (FIGUEIRA; GOELLNER, 2013). Nesse sentido, assim como em outras dimensões sociais, o contexto das atividades de aventura urbanas está demarcado por uma masculinidade hegemônica, a qual constitui em barreira às mulheres (SCHWARTZ et al., 2013), sendo este um desafio –também– da pedagogia do lazer. Portanto, esse estudo objetiva discutir sobre as atividades de aventura e a educação para e pelo lazer na perspectiva das relações de gênero diante do projeto Escola de aventuras.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa-ação de caráter longitudinal, cujo material empírico resulta da observação participante das aulas do projeto e de entrevistas com 7 adolescentes do sexo feminino com idade entre 14 a 18 anos e 29 pais e mães de alunos do ensino fundamental que participaram da Escola de aventuras. Tais alunos correspondem a 26 meninos e 11 meninas. O instrumento de coleta de dados direcionados às adolescentes consistiu em uma entrevista semi-estruturada e aos pais um questionário de avaliação da escola de aventura. Os dados foram analisados por meio da proposta de Bardin (2011) a partir de categorização das respostas, destacando-se quatro categorias: 1. Espaço institucionalizado; 2. Percepções sociais acerca do espaço urbano; 3. Estereótipos associados ao sexo feminino e 4. Características culturais reforçadas pela escola.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando a adesão ao projeto era voluntária, observamos que as meninas constituíam 50% do total dos participantes, o que confrontava com a exígua participação das mulheres nos espaços públicos das práticas de aventura, onde há uma prevalência masculina. No discurso dessas participantes, pode-se compreender que o espaço institucionalizado constitui um fator de motivação para a prática dessas modalidades pelas mulheres, pois, esses espaços são caracterizados pela segurança e ausência de constrangimento, atingindo uma equivalência incomum ao comparar com o lócus nativo do skate que é o espaço urbano. Considera-se que esse contexto pode desencadear maior confiança e melhor intercâmbio de informações (AMARAL; DIAS, 2008).

O espaço urbano também foi apontado por algumas entrevistadas como “perigoso” e “não permitidos”. Essas características remetem às divergências das funções sociais dos gêneros, as quais repercutiram associadas aos argumentos biológicos (dos anos 30) e designaram aos homens a atuação e o empoderamento “dos” e “nos” espaços públicos e às mulheres a atuação nas esferas privadas (essencialmente a “casa”), pois, sendo consideradas fisicamente débeis, sujeitas às limitações da menstruação e da gravidez, elas precisavam se proteger dos perigos do espaço público (MATOS, 2003). Denota-se que a participação das mulheres nas atividades de aventura que se utilizam do espaço público ainda pode estar afetada por essas representações hegemônicas de gênero.

Ao se inserir no projeto, os meninos questionavam a participação das meninas em atividades como o “skate” e o “parkour”, sendo possível evidenciar

que tais modalidades ainda estão articuladas ao referente “masculino” por suas características, as quais são resultados da cultura que produz e demarca os papéis e espaços apropriados por homens e mulheres. À isso, Scott (1995) classifica como antagonismo sexual socialmente estipulado e estigmatizado culturalmente.

Advém dessa conjuntura a construção cultural dos corpos, também revelada nos discursos das crianças sobre a descrença das habilidades das meninas (“ela não vai conseguir saltar mais longe”), os estereótipos associados à feminilidade e masculinidade (“corre que nem menina”) e atitudes discriminatórias (como as risadas quando alguma criança caia ou não conseguia executar o movimento).

Ao se tratar de práticas corporais, as diferenças de habilidades e performances produzem essas percepções e comportamentos, todavia, como pontua Abreu (1995), a falta de habilidade das meninas geralmente origina-se da falta de prática, que por sua vez é oriunda de fatores culturais como brincadeiras infantis, divisão de tarefas entre irmãos e irmãs, desinteresse provocado pela família, reforço da mídia ou outras esferas de influência na educação formal e informal. Portanto, os hábitos corporais ensinados e condicionados a homens e mulheres dentro de um sistema de valores tornam, ao longo do tempo, um sexo mais hábil do que o outro em termos motores e de desempenho (DAOLIO, 1995).

Também constatou-se a recorrência em que as crianças questionavam ou solicitavam a divisão de filas ou ordem de execução do movimento entre meninos e meninas. Notou-se que tal estratégia faz parte do sistema escolar. Considerando que o sistema escolar não apenas reflete a ideologia sexual dominante da sociedade, mas produz ativamente uma cadeia de masculinidades e feminilidades heterossexuais diferenciadas e hierarquicamente ordenadas (MONTEIRO, 2013). Os discursos, enquanto verbalizações, ações e gestos, com intenções ou aspectos de distinção, hierarquia e discriminação foram e são trabalhados por meio da problematização, tornando viável repensar e desnaturalizar, em conjunto com os participantes do projeto, as características atribuídas ao binarismo masculino-feminino que reproduzem preconceito e exclusão de ordem material e simbólica dentro e fora da escola.

Ainda voltado as questões de gênero, as percepções extraídas a partir do posicionamento dos pais de alunos/as participantes do projeto não remeteram apenas à satisfação e as contribuições motoras e de socialização decorrentes do projeto, mas, também ressaltaram as possibilidades da vivência dessas modalidades principalmente às meninas. Assim, como propõe a perspectiva coeducativa, tal contexto requer a instauração de possibilidades vividas na igualdade de atenção e tratamento das meninas e dos meninos, reflexão sobre o sistema de valores e atitudes transmitidos nos conteúdos educativos (COSTA; SILVA, 2002)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação para e pelo lazer como tema gerador norteou o projeto na educação de gênero a fim de conscientizar e emancipar as meninas sobre suas possibilidades, pois entendemos as práticas corporais como um espaço paraluta pela autonomia das mulheres. Portanto, além de contribuir para ampliar as experiências corporais e viabilizar novas formas de usufruir o tempo livre, o projeto também se debruçou

sobre a necessidade de promover a equidade das relações de gênero no interior do lazer e em outras dimensões sociais.

Desse modo, pode-se atribuir que a inserção das meninas no projeto, não apenas favorece ao empoderamento feminino, mas, a possibilidade de vivenciar diferentes práticas corporais numa perspectiva educacional para e pelo lazer a partir da cultura corporal do movimento.

EDUCATION FOR AND THROUGH LEISURE THROUGH ADVENTURE ACTIVITIES

ABSTRACT: This study discusses adventure activities and education for and through leisure in the perspective of gender relations by means of the school of adventure project. It is an action research of a longitudinal character carried out by interviews and observation. The data revealed perceptions and representations about the spaces and characteristics that demarcate the “feminine” and “masculine”, which were problematized and deconstructed through the gender education appropriated by the project.

KEYWORDS: leisure; gender; generator theme.

EDUCACIÓN POR Y PARA EL OCIO A TRAVÉS DE ACTIVIDADES DE AVENTURA

RESUMEN: Este estudio analiza las actividades de aventura y la educación por y para el ocio desde la perspectiva de las relaciones de género en proyecto aventuras escolares. Se trata de una investigación acción de carácter longitudinal. Los datos revelaron las percepciones y representaciones sobre los espacios y características que marcan el “femenino” y “masculino”, que fueron problematizado y deconstruido a través de la educación de género apropiado por el proyecto.

PALABRAS CLAVES: ocio; género; tema generador.

REFERÊNCIAS

ABREU, N. G. Análise das percepções de docentes e discentes sobre turmas mistas e separadas por sexo nas aulas de educação física escolar. In.: ROMERO, E. (org). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

AMARAL, A. V.; DIAS, C.A.G. Da praia para o mar: adesão à adesão e à prática do surfe. **Licere**, v. 11, n. 3, p. 1-22, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRACHT, V. Educação física escolar e lazer. In: WERNECK, C.G.L.; ISAYAMA, H.F. (Org.). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 147-172.

COSTA, M. R. F.; SILVA, R. G. A educação física e a co-educação: igualdade ou diferença? **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 23, n. 2, p. 43-54, 2002.

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em antas. In.: ROMERO, E. (Org). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

FIGUEIRA, M. L. M.; GOELLNER, S. V. “Quando você é excluída, você faz o seu”: mulheres e skate no Brasil. **Cad. Pagu**, n. 41, p. 239-264, dez. 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

MATOS, M. I. S. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: MATOS, M. I. S.; SOIHET, R. (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo/SP: Editora UNESP, 2003.

MONTEIRO, M. V. P. **Educação física escolar e significados de gênero**: uma pesquisa em uma escola estadual da cidade de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. 2013. 198 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRN, Rio de Janeiro, 2013.

SCHWARTZ, G. M.; FIGUEIREDO, J. P.; PEREIRA, L. M.; CHRISTOFOLETTI, D. A.; DIAS, V. K. S. Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina. **Rev. Motric.**, v. 9, n. 1, p. 57-68, 2013.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educ. e Real.**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.